

**ALÇAMENTO DAS VOGAIS PRETÔNICAS /e/ E /o/:
EVIDÊNCIAS DA MODALIDADE ORAL NO TEXTO ESCRITO**

*THE RISING OF THE MIDDLE UNSTRESSED VOWELS /e/
AND /o/: EVIDENCES OF ORAL MODELITY IN WRITTEN TEXT*

Marcus Garcia de Sene

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho
Campus de Araraquara (UNESP/FCLAr)

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal apontar as evidências da modalidade oral no texto escrito. Para isso, analisamos as ocorrências dos alçamentos nas vogais pretônica /e/ e /o/, fenômeno frequente na modalidade oral. O *corpus* foi constituído de 70 redações escolares, coletadas no âmbito do projeto Ensino de Português e a Relação Oralidade Escrita. O público alvo foram alunos do 6º ano de duas escolas públicas de Uberaba/MG, sendo uma de região periférica e outra de região central. Por meio deste trabalho, foi possível verificar que é incontestável a relação entre oralidade e escrita, posto que o fenômeno selecionado para análise é frequente na fala dos alunos, conforme demonstraram outros trabalhos, e o mesmo foi encontrado diversas vezes ao longo do *corpus*.

Palavra-chave: Alçamento; vogais pretônicas; oralidade; escrita

Abstract: This article aim to present the evidences of the oral modality in the written text. For this, we analyze the occurrences of the rising of the middle unstressed vowels /e/ and /o/, a frequent phenomenon in the oral modality. The *corpus* consisted of 70 school essays, collected as part of Ensino de Português e a Relação Oralidade Escrita. The target audience were students in the 6th grade of two public schools in Uberaba / MG, one in the peripheral region and another in the central region. Through this work, it was possible to verify that the relationship between orality and writing is indisputable, since the phenomenon selected for analysis is frequent in students' speech, as other studies have demonstrated, and it has been found several times throughout the *corpus*.

Key-words: Rising; middle unstressed vowels, orality; written

1. Considerações preliminares

Ao admitirem que a função da escrita seja representar a língua, os trabalhos que envolvem a língua escrita em detrimento da língua oral, vem sendo priorizados. Existe, atualmente, uma falsa supremacia do texto escrito e a difusão dessa falsa primazia tem trazido inúmeros prejuízos para o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que o trabalho com a modalidade oral, em sala de aula, vem sendo descartado a favor do trabalho descontextualizado com o texto escrito.

Os professores de língua portuguesa, geralmente, ao assumirem a fala como espaços da informalidade, desconhecem a importância do vernáculo que o aluno traz consigo e, também, desconhecem o papel da oralidade no ensino da Língua Portuguesa

(BORTONI-RICARDO, 2005). Nesse sentido, esse trabalho tem como um de seus objetivos, apresentar as evidências da modalidade oral no texto escrito de alunos do 6º ano, a partir do alçamento das vogais pretônicas, justificando a importância do trabalho com a modalidade oral em sala de aula.

Para concretização desse estudo, observará o processo de alçamento das vogais pretônicas, no sentido de observar a relação possível entre a oralidade e escrita, evidenciando o funcionamento oral no texto escrito. Ressalta-se, portanto, que existem poucos estudos que investigam como ocorre a variação vocálica na fala dos alunos dos 6º anos e, de que forma, essa variação afeta na representação escrita, justificando, dessa forma, a relevância desse trabalho.

O processo de alçamento das vogais, no que concerne à escrita, é um processo que merece atenção tanto por parte do professor, quanto para a criança, posto que, por desconhecimento teórico, os educadores rotulam esse fenômeno como um erro ortográfico apoiado na oralidade que deve ser combatido, sem refletir sobre o fenômeno.

2. As vogais do Português Brasileiro

Para melhor compreender o fenômeno que nos fornecerá evidências do funcionamento da modalidade oral no texto escrito, é fulcral apresentar algumas noções que, ao mesmo tempo em que são elementares, o transcendem e, de certa forma, o incorporam.

Câmara Jr ([1970], 1994), por exemplo, apresenta uma das mais abrangentes pesquisas realizadas sobre as vogais orais da Língua Portuguesa falada no Brasil. Baseado na abordagem estrutural, Câmara Jr (1994) apresenta o quadro vocálico do português brasileiro destacando que é a partir da posição tônica que classificamos os fonemas como sendo vocálicos, posto que “daí se deduzem as vogais distintivas” (CÂMARA JR, 1994, p. 41). Para isso, o autor apresenta o seguinte esquema:

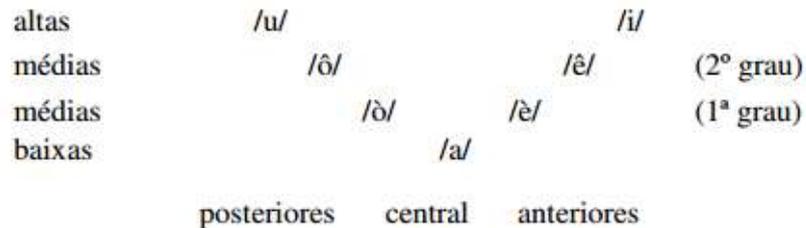


Figura 1: Vogais em posição tônica cf. Câmara Jr (1980)

Fonte: Lenzi e Brenner (2008)

Observando o sistema triangular das vogais, propostos por Câmara Jr. (1980), sabe-se que, na variedade oral, devido à alternância nas articulações da fala, mapeamentos diferentes ocorrem nas posições pretônicas, postônicas e átona final. Sobre esse aspecto, o Português Brasileiro (PB), em especial o sistema vocálico, passa por alguns processos como a redução que pode ser identificado por sete vogais na sílaba tônica, as quais são reduzidas para cinco na posição pretônica, para quatro na posição postônica não-final e três na posição átona final (CARNEIRO, 2013). Nesse sentido, pesquisadores já apontam que alguns processos são passíveis de envolver as vogais, não só em posição postônica, como em pretônicas.

Sobre a redução das vogais apontadas acima, Câmara Jr (1980, p. 43-44) apresenta o quadro da redução detalhada:

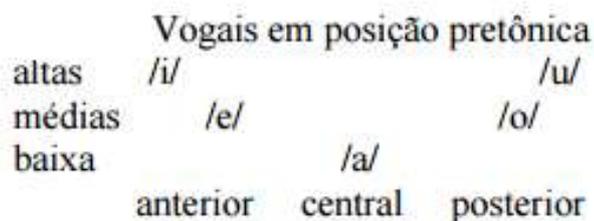


Figura 2: Posição pretônica das vogais de Câmara Jr (1980)

Fonte: Lenzi e Brenner (2008)

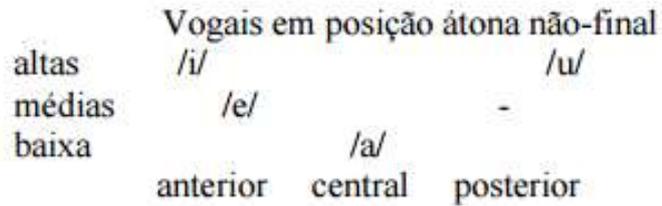


Figura 3: Posição átona não final das vogais de Câmara Jr. (1980)

Fonte: Lenzi e Brenner (2008)

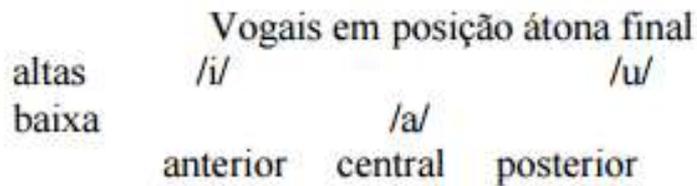


Figura 4: Posição átona final das vogais de Câmara Jr. (1980)

Fonte: Lenzi e Brenner (2008)

Sobre a posição pretônica átona, Silva (2003, p. 81) esclarece que a variação entre as vogais médias-altas /e/ e /o/ e entre as vogais médias-baixas /é/ e /ó/, quando em posição pretônica, não representa mudança de significado na palavra, marcando, sobretudo, como sendo apenas uma variação dialetal. Assim, Callou e Leite (1995) apontam que o sistema triangular completo com as sete vogais descrita por Câmara Jr (1980), só funciona quando tônica, posto que a redução das vogais se dão na medida em que a vogal ocupa posições diferentes nas sílabas.

O sistema vocálico do PB, de acordo com análises variacionistas, não é tão simples como descreveu Câmara Jr. (1980), tendo em vista que, na modalidade oral, as vogais apresentam um sistema complexo, principalmente na posição pretônica. A descrição de alguns processos fonológicos, em virtude disso, é fundamental, já que esses processos, por exemplo nas pretônicas, foram se interpondo. Bisol (1981) aponta que a aplicação da regra de alçamento é feita mediante ao processo fonológico conhecido como harmonia vocálica.

3. O alçamento das vogais pretônicas: considerações preliminares

O estudo do alçamento das vogais, mais especificamente das vogais pretônicas /e/ e /o/, foi realizado em ocasião da Tese de Doutorado da Leda Bisol em 1981. A pesquisadora realizou uma análise desse fenômeno como regra variável na língua falada no Rio Grande do Sul. Inúmeros trabalhos, desde então, emergiriam para construção, por exemplo, de diferentes atlas linguísticos regionais e estaduais, à saber Brandão e Cruz (2005), Pontes (2001), Kailer (2012) entre outros.

O alçamento é caracterizado pela elevação ou modificação do traço de [-alto] para [+alto] das vogais média, por exemplo, /e/ e /o/ que se projeta para /i/ e /u/, ocorrendo em variação livre. Bisol (1981), ao caracterizar o português do Sul do Brasil, estabelece uma regra capaz de traduzir o presente fenômeno:

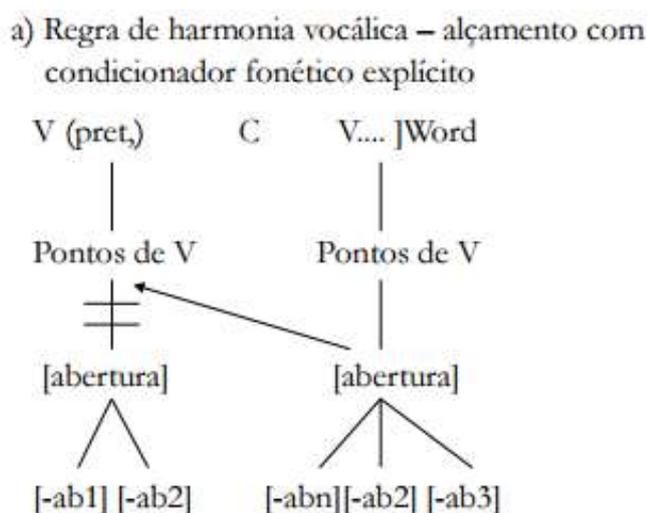


Figura 5: Regra de harmonia vocálica

Fonte: Bisol (2009, p. 79)

A formulação acima deve ser entendida como a espreadimento de todos os traços da vogal seguinte para a precedente, sem levar em consideração a consoante que esteja entre elas. Magalhães (2013), sobre a presente regra, ainda completa:

é um típico caso em que há assimilação total do nó de abertura vocálica que, conseqüentemente, resultará na harmonia entre as duas vogais que mais favorece a aplicação de regra de alçamento da vogal média em posição pretônica é a presença de uma vogal alta na sílaba subsequente. (MAGALHÃES, 2013, p. 43)

Casos como menino ~m[i]nino, formiga ~f[u]rmiga, coruja ~c[u]ruja, são exemplos que sustentam a formulação proposta por Bisol (1981). Além dos casos citados, há

situações em que não há um contexto motivador para o alçamento, conforme também descreveu Bisol (1981).

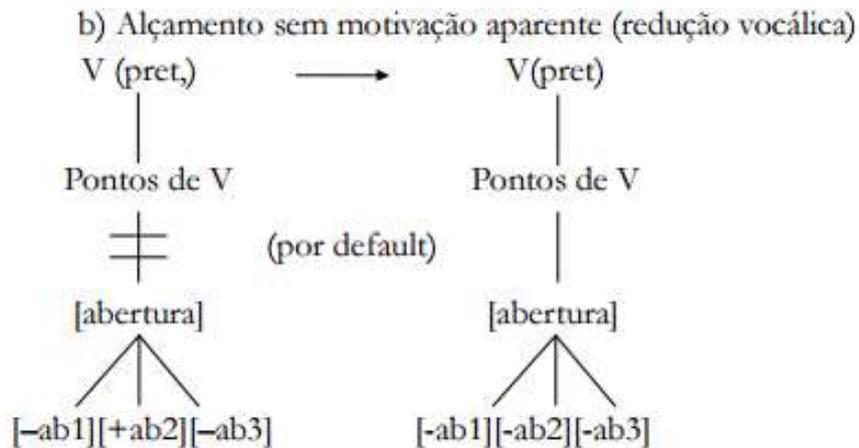


Figura 6: Redução sem condicionamento fonético

Fonte: Bisol (2009, p. 79)

Magalhães (2013, p.43), sobre essa formalização, explica: “[esta regra] retrata o desligamento do nó de abertura da vogal média pretônica e o preenchimento automático pelos traços de uma vogal alta, resultando na neutralização”. Para ilustrar, podemos observar palavras como colégio ~ c[u]légio.

O chamado Português Arcaico (Nunes 1960 e Câmara Jr 1970), desde o período medieval, apresenta um sistema rigorosamente fechado das vogais tônicas, pouco susceptíveis à variação. Registros descritivos do português, como o de Oliveira [1536] (1933), já atestavam que as vogais pretônicas, diferentes das tônicas, desde meados do século XVI sofrem instabilidade. Bisol (2010, p.67), nesse sentido, aponta “a variação da pretônica, uma das peculiaridades do português do Brasil, é o reflexo de uma regra muito antiga, oriunda do latim do século IV d. C. e que caracterizou o português quinhentista”.

Muitos pesquisadores têm se dedicado a estudar o fenômeno na fala, buscando uma caracterização do Português Brasileiro. Nesse sentido, como apontado anteriormente, este artigo se torna relevante por buscar a caracterização do presente fenômeno em textos escritos, mais especificamente para evidenciar o funcionamento da modalidade oral nos textos escritos. Reiterando a relevância da oralidade no ensino de Língua Portuguesa.

É fundamental destacar, ainda, que para esse trabalho iremos considerar ambos os casos de alçamento, sejam eles com motivador fonético ou sem motivação aparente, visto que não se busca, nessa pesquisa, uma caracterização fonético-fonológica do fenômeno

em específico, mas sim demonstrar o quão relevante ele é para observarmos a influência da fala na escrita.

4. Oralidade e escrita: um *continuum* necessário

Diversos autores (KATO 1987, MARCUSCHI, 2001) já apontaram que a fala e a escrita apresentam semelhanças que sobressai a suas diferenças. As evidências do funcionamento da modalidade oral em textos escolares escritos, por exemplo, parece inquestionável, mas pouco explorada nas pesquisas linguísticas. Cada modalidade, oral e escrita, apresentam características particulares indiscutíveis, mas apontar uma supremacia da escrita sobre a fala é, de fato, grosseiro.

As diferenças entre fala e escrita, para Marcuschi (2007), devem ser definidas pelos usos e não pelo sistema. Dessa forma, o autor sugere que as diferenças são graduais e escalares, e não dicotômicas. Outra característica importante também para esse autor, é que as distinções entre fala e escrita precisam ser vistas sob uma perspectiva das diferenças típicas dos gêneros textuais que estão envolvidos, e não simplesmente pelas questões tidas como essenciais comumente: interação face a face, produção em tempo real, etc. (MARCUSCHI, 2007).

A fala, seguindo essa perspectiva, não é o lugar da informalidade, e nem a escrita o da formalidade, já que características como formal/informal, tenso/distenso, controlado/livre, elaborado/solto e outras são maneiras de se usar a língua e não de uma ou de outra modalidade. É por isso que Marcuschi (2001, p. 10), em seu artigo “A oralidade e o ensino de língua: uma questão pouco falada”, ressalta que:

Não se deve analisar as relações entre língua oral e escrita em uma perspectiva dicotômica, pois assim estaríamos atribuindo à modalidade escrita um caráter explícito, planejado e elaborado, ao passo que à modalidade oral caberia a implicitude, o não- planejamento e a falta de elaboração. (MARCUSCHI, 2001, p.10)

Comparar a linguagem oral, cujo representante seria, por exemplo, uma conversa de bar entre amigos e a linguagem escrita como tendo seu representante o artigo acadêmico, apenas porque ambas são modalidades discursivas da língua, é no mínimo inconveniente, posto que as diferenças seriam gritantes e se sobressairiam.

Nessa perspectiva, é fundamental compreender que o processo de aquisição da modalidade oral é semelhante ao da modalidade escrita, e no processo de alfabetização,

que é correlato com correlato com a convenção da língua portuguesa, é excluído qualquer influência da oralidade, permitindo inúmeras confusões no nível lexical.

A oralidade é, sobretudo, algo que permeia e sempre vai permear a vida humana, posto que somos, eminentemente, seres orais, mesmo que estejamos cercados por uma cultura tida como alfabetizada. É preciso levar em consideração, ainda, que as sociedades que não têm acesso à tecnologia da escrita, por exemplo, pautam-se em eventos exclusivamente orais, o que justifica a importância de refletir sobre o lugar e o papel da oralidade nas ações humanas.

Cagliari (1999, p.124), a este respeito, assevera que “a variação linguística, característica inerente a toda e qualquer língua do mundo, pode constituir um grande problema para quem está adquirindo o sistema da escrita”. Sendo assim, justifica-se a importância do trabalho do professor com a variação linguística, bem como a discussão sobre a convenção ortográfica sem excluir o papel da oralidade nesse processo.

5. Metodologia e *corpus*

Esta pesquisa buscou descrever os fenômenos de alçamento encontrados nos textos escritos por alunos do Ensino Fundamental II de Uberaba/MG, mais especificamente do 6º ano (antiga 5ª série). É importante alertar que o *corpus* utilizado para esta pesquisa foi construído pelo autor no âmbito do projeto O Ensino de Língua Portuguesa e a Relação Oralidade e Escrita, coordenado pela Professora Dra. Juliana Bertucci Barbosa (UFTM).

Para construção do *corpus*, foram selecionadas duas escolas públicas, sendo uma de região periférica (identificada como escola A) e outra de região central (escola B). Entende-se aqui periférica como distante do centro e não como, exclusivamente, que atenda a população de periferia. O distanciamento de ambas as escolas possibilitou acesso a textos de alunos com diferentes perfis sociais.

Antes da coleta de dados, destacamos a importância do pesquisador fazer a coleta de dados, posto que outro professor, caso souber da intenção real da pesquisa, poderá causar certa influência na produção dos alunos. Tal procedimento foi adotado consoante às orientações de Tarallo (2007):

Seja qual for a comunidade, seja qual for o grupo, jamais deixe claro que seu objetivo é estudar a língua tal como é usada pela comunidade ou grupo. Se você inadvertidamente o fizer, ou mais grave ainda, se o fizer conscientemente, é muito provável que o comportamento de seus informantes – já prejudicado pelo uso do gravador e por sua presença – se altere ainda mais, e a pesquisa, conseqüentemente, se torne ainda mais enviesada. Procure, portanto, colocar ao informante os objetivos de sua pesquisa fora do campo da linguagem. Lembre-se também de que, sendo a língua propriedade do grupo estudado, seus informantes poderão se sentir ameaçados e embaraçados. (TARALLO, 2007, P. 27)

Para realização da pesquisa, fizemos uma revisão bibliográfica, principalmente as que tratavam do fenômeno de alçamento e da influência da fala para a escrita. Em seguida, organizamos o *corpus* composto pelas redações dos alunos supracitados. Em consonância com o comitê de ética, solicitamos a autorização, por escrito, das escolas que participariam do projeto, alertando-as que os nomes das escolas seriam preservados.

Para coleta dos dados, elaboramos uma proposta de redação que atendesse a escolaridade dos alunos, o gênero selecionado foi a narração. Conforme Tarallo (2002, p. 23) “ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma”.

Além disso, foi solicitado aos responsáveis legais dos alunos participantes da pesquisa que concedessem autorização para participação na pesquisa, assinando o Termo de Compromisso Livre Esclarecido (TCLE). Tal termo além de apresentar informações sobre a pesquisa, ressalta que os nomes dos informantes estarão preservados por meio de códigos como INF01A, INF02B. Obtivemos, no total, 70 textos dos quais os pais assinaram o TCLE, conforme exigência do comitê de ética.

Para a análise dos dados, selecionamos apenas as palavras com pretônicas /e/, /o/, /i/ e /u/. Feito isso, dividimos as ocorrências encontradas em dois grupos: Grupo I, em que houve a preservação, em que a palavra tem, em posição pretônica, as vogais supracitadas, mas o aluno não o realiza, a saber: perigo e vestido; e Grupo II, em que foram alocadas as ocorrências de alçamento separadas em elevação do /e/ ~ /i/ e /o/ ~ /u/, como por exemplo em pequeno ~ p[i]queno, descobriu ~ d[i]scobriu. Focalizaremos, neste artigo, a análise dos dados do Grupo II, pois objetivamos investigar a influência da fala para a escrita.

6. Análise dos dados

Primeiramente, é fundamental apresentar a análise quantitativa geral dos dados encontrados, representados pelo Gráfico 1 abaixo. Com o auxílio do gráfico, é possível verificar que, no conjunto de textos analisados, foram encontradas 540 palavras passíveis de acentuação. Considerando que os textos foram produzidos por alunos do 6º ano e de duas escolas públicas de Uberaba/MG, não se julgou necessário a distinção dos processos de acentuação por escolas, uma vez que o objetivo geral deste artigo é apresentar a influência da oralidade na escrita.

Além disso, cabe mencionar que as palavras que apresentaram acentuação foram semelhantes para as duas escolas, ou seja, em ambas, os alunos acentuavam e deixavam de acentuar empregando, de modo geral, as mesmas palavras. Por isso, não foi necessário, para análise dos dados, separar as ocorrências considerando-se as escolas. Vejamos o gráfico geral abaixo:

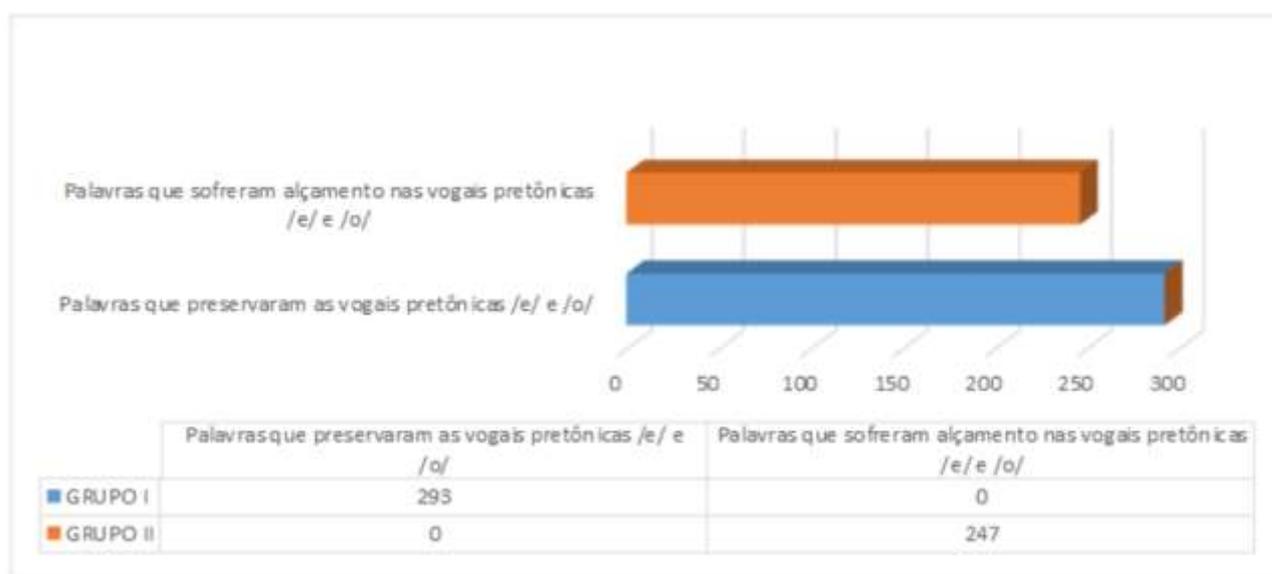


Gráfico 1: Dados gerais do corpus

Fonte: o autor

	Porcentagem/Frequência
Palavras que sofreram acentuação das vogais pretônicas	45,74% (247/540)
Palavras que preservaram as vogais pretônicas	54,26% (293/540)
TOTAL	100% (540)

Tabela 1. Dados do acentuação em porcentagem

Fonte: o autor

No Gráfico 1, observamos que o número de palavras que preservaram as vogais pretônicas (54,26%) é maior que as que representam o processo de alçamento (45,74%). Embora a frequência de palavras que representam o processo de alçamento seja inferior em relação as que não sofreram alteração, não se pode ignorar a influência da oralidade na escrita, posto que os professores desconhecem que o processo de aquisição oral e aquisição escrita dos alunos são semelhantes, a este respeito, Abaurre (1988) menciona: “As crianças de um modo geral recorrem à oralidade para fazer várias hipóteses sobre a escrita, mas usam também a escrita, dinamicamente, para construir uma análise da própria fala”. (ABAURRE, 1988 p.140)

Sendo assim, embora o aluno represente em seu texto escrito algo muito diferente daquilo que é convencionado, ele não deixa de produzir uma hipótese, posto que o “domínio da ortografia é lento e requer muito contato com a modalidade escrita da língua” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 274). Ainda assim, os alunos têm sua fala silenciada quando adentram o espaço escolar o que possibilita que, todas as hipóteses sobre a língua, sejam transplantadas para o texto escrito, justificando a ausência da reflexão de uma pedagogia sensível a variação.

A seguir, encontra-se o gráfico das ocorrências separados entre as vogais pretônicas /e/ e /o/.

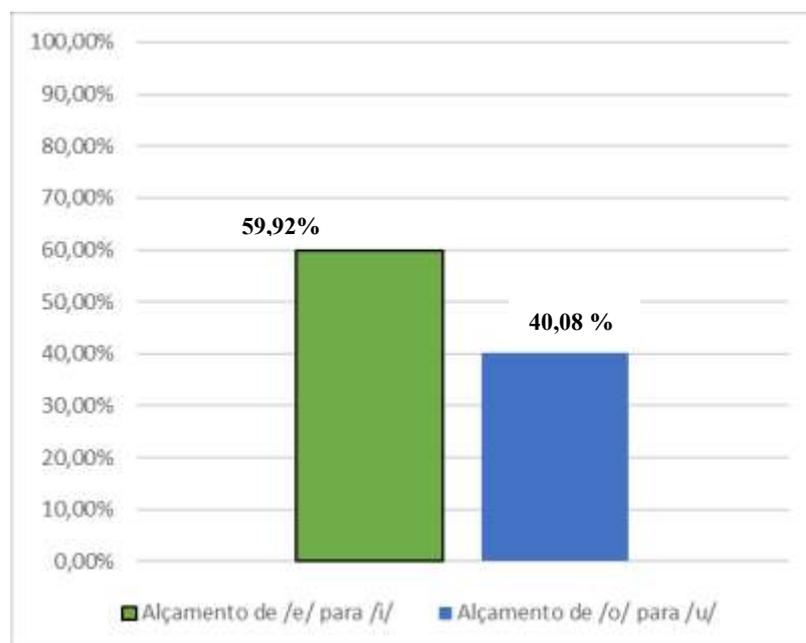


Gráfico 2. Alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/

Fonte: o autor

Como observado no gráfico acima, as ocorrências de alteamento das vogais de /e/ para /i/ foram mais recorrentes, com um total de 59,92%, ou seja, foram encontradas 148 ocorrências ao longo do *corpus*. Das ocorrências de /e/ para /i/, encontramos alguns casos como:

INFORMANTE	OCORRÊNCIA	TRANSC. ORTOGRÁFICA
INF02A	Disculpas	Desculpas
INF12B	Discubriu	Descobriu
INF30A	Piquenu	Pequeno
INF21B	Tiatru	Teatro

Quadro 1. Ocorrências retiradas do *corpus* – alteamento de /e/ para /i/

Fonte: o autor

Ao fazer escrever tais palavras, o aluno, dominador da modalidade oral, relacionou seus conhecimentos inconscientes de fonético e fonologia, aos seus conhecimentos gráficos e ortográficos. Facilmente, desvios como esses poderiam ser considerados, pelos professores, como erros que devem ser combatidos. Contudo, os educadores desconhecem que os alunos, ao chegarem nas escolas, dominam com maestria a modalidade oral da língua, justificando o papel da escola em acrescentar ao vernáculo desse aluno a variedade padrão da língua, sem desrespeitar aquilo que o aluno carrega consigo.

A Sociolinguística Educacional traz, para o ensino de língua portuguesa, inúmeras contribuições. Dentre elas, está a noção de “erro” como certo ou errado. Para a sociolinguística, grosso modo, deve-se trabalhar com o conceito de adequado e inadequado. Pensando nos desvios de natureza fonológico, como é o caso do alteamento vocálico, é preciso justificar que a ortográfica foi convencionada e envolve um processo histórico. Com isso, o professor deve atentar-se que não existe uma relação biunívoca entre grafema e fonema.

Nesse sentido, justifica-se a importância do ensino da modalidade oral, uma vez que ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (Brasil, 1998, p. 67).

Na sequência, apresentaremos um quadro com as ocorrências do alteamento da vogal /o/ para /u/:

INFORMANTES	OCORRÊNCIAS	TRANSC. ORTOGRÁFICA
INF13B	Curuja	Coruja
INF34B	Cumida	Comida
INF12A	Culher	Colher
INF07A	Curtina	Cortina

Quadro 2. Ocorrências retiradas do *corpus* – alteamento de /o/ para /u/

Fonte: o autor

Diferente do quadro 1, neste, observa-se, ao longo dos dados, 99 ocorrências, totalizando 40,08%. As ocorrências de /o/ para /u/ ocorreram em menor número. Essa diferença não é significativa, uma vez as palavras passíveis de alçamento de /e/ para /i/ foram encontradas em maior número, justificando os dados apresentados no quadro 2. Grande parte das ocorrências, se prestássemos a análise dos contextos de favorecimento de alçamento, poderíamos observar que algumas sofreram essa assimilação de traços em decorrência da vogal alta seguinte, mas em outros casos é possível notar, também, que outros contextos são favorecedores desse processo.

Porém, é importante retomarmos a hipótese que circunscreveu este trabalho, posto que a evidência do funcionamento da modalidade oral no texto escrito é nítida. Observando a análise dos dados, podemos concluir que a influência da oralidade na escrita é presente até mesmo nos alunos do 6º ano, confirmando a necessidade de a escola abandonar o ensino tradicional e pensar numa pedagogia da variação linguística sensível a necessidade dos alunos.

Bortoni-Ricardo (2005), como apontado anteriormente, esclarece que a função da escola, no processo de aquisição de linguagem, não é ensinar o vernáculo:

pois este os alunos já trazem consigo ao iniciar a escolarização, pois o adquirem na sua rede primária de relações, constituída da família e vizinhos. A função da escola é justamente desenvolver outras variedades que se vão acrescer ao vernáculo básico. Em ambientes bilíngues ou multilíngues, as variedades adquiridas na escola poderão ser outras línguas. Em ambientes monolíngues, as variedades adquiridas serão estilos mais formais da língua, a que nos referiremos como estilos monitorados. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.49)

Pensando nas escolas brasileiras, acontece exatamente o contrário, posto que o próprio processo de alfabetização que é correlato com a convenção da língua, exclui qualquer possibilidade da oralidade, permitindo a emergência de inúmeros desvios no nível da grafia. Nota-se, ainda, que desvios como esses apresentados acima, são de

caráter fonológico e motivados por uma variedade que o aluno domina perfeitamente, a variedade presente na modalidade oral.

7. Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a influência da modalidade oral no texto escrito a partir da identificação de representações do processo alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ no texto escrito. Foi possível observar, portanto, que há influência da oralidade no texto escrito. Depreender o conhecimento sobre variação linguística na fala é fundamental para o processo de letramento. É nesse sentido que o trabalho com o *corpus* escrito é importante. Ainda, buscar um mapeamento mais amplo desse funcionamento é necessário para validar a importância de se retomar discussões que envolvam a oralidade em sala de aula.

A literatura linguística tem nos fornecido inúmeros dados em que o alçamento foi analisado, tanto pretônico como postônico, em diferentes variedades dialetais. A presente pesquisa não buscou dar respostas absolutas sobre o fenômeno. Objetivou-se apresentar que é papel do professor, portanto, adquirir o conhecimento sobre o fenômeno em questão, para possibilitar um trabalho consciente com a oralidade e a escrita, apresentando que não existe uma relação biunívoca entre grafema e fonema.

Foi possível depreender a partir da análise do fenômeno que a modalidade oral é importante para o ensino de Língua Portuguesa e, dentre outras atividades, deve ser priorizada. Possibilitando que o aluno entenda o *continuum* que existe entre fala e escrita, não apontando que a fala é espaço da informalidade, enquanto o texto escrito da formalidade. Ambos podem ser formais e informais a depender do contexto de uso das duas modalidades.

8. Referências bibliográficas

ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (Org.). *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes, 1988. p. 135-142.

BISOL, L. Harmonização vocálica: uma regra variável [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1981.

BISOL, L. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. Em BISOL, L. e COLLISCHONN, G (org). *Português Do Sul Do Brasil: Variação Fonológica*. Porto Alegre, Edicurs, p. 73-92, 2009.

BISOL, L.. A Simetria no Sistema Vocálico do Português Brasileiro. *Linguística* (Porto), v. 5, p. 41-52, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?: Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRANDÃO, S. F.; CRUZ, M. L. de C. Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALiSPa. In: AGUILERA, V. de A. (org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005, 498p.

CAGLIARI, L. C. *Diante das Letras: a escrita na alfabetização*. São Paulo: Fapesp, 1999.

CALLOU, D; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CÂMARA JR., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CÂMARA Jr, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1980

CARNEIRO, D. R.. O processo variável do alçamento das vogais médias pretônicas no município de Araguari-MG. In: XIV Simpósio Nacional de Letras e IV Linguística e Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2013, Uberlândia. *Anais do SILEL*. Uberlândia: EDUFU, 2013. v. 3. p. 1-16

MAGALHÃES, J. S.. Alçamento das vogais pretônicas nos séculos XVIII e XIX. *Revista do GELNE*, v. 15, p. 31-48, 2013

KAILER, D. A. Alçamento da vogal pré-tônica [o] em duas regiões paranaenses. *Signum: Estudos Linguísticos*, n.15, v.1, p. 201-221, Londrina, 2012

KATO, M. A. *No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 2ª ed. 1987.

LENZI, M. C.; BRENNER, T. M. . *Análise das vogais postônicas finais [e, o] nos falantes do município de Doutor Pedrinho*. Working Papers em Lingüística, v. 9, p. 57-64, 2008.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 6ª edição. Lisboa: Livraria Clássica, 1960.

MARCUSCHI, L. A. A oralidade e o ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZERRA, M. A. *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PONTES, Ismael. Alçamento do [e] pré-tônico no falar rural das regiões norte e oeste-sudoeste do Paraná. In: SEMINÁRIO DO GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo), n.49, Marília. 2001. (Comunicação oral).

SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do português brasileiro*: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

Artigo recebido em 04/11/2016

Artigo aceito em 26/01/2017